

ISSN online 2763-6992

ISSN impresso 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v21i41-2022-12>

A Teologia da Prosperidade na Igreja Universal do Reino de Deus

*The Theology of Prosperity
in the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG)*

MARCELLO FELIPE DUARTE*

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de realizar um estudo sobre a relação existente entre a Teologia da prosperidade baseada, principalmente, na perspectiva teórica denominada economia sacrificial e as práticas e representações acerca do Diabo produzidas pela Igreja Universal do Reino de Deus. Tal relação é fundamental para explicar a construção da identidade neopentecostal iurdiana por meio da demonização das religiões de matriz afro-brasileira.

Palavras-chave: Teologia da prosperidade. Economia sacrificial. Representações acerca do Diabo. IURD. Neopentecostalismo.

Abstract: This article aims to conduct a study on the relationship between the Theology of Prosperity based mainly on the theological perspective referred as sacrificial economy and the practices and representations about the devil produced by the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG). This relationship is fundamental to explain the construction of the Neo-Pentecostal identity of this church through the demonization of Afro-Brazilian religions.

Keywords: Theology of Prosperity. Sacrificial economy. Representations about the devil. UCKG, Neo-Pentecostalism.

* Marcello Felipe Duarte é Doutor em História pelo PPGH/UERJ. Professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro e do Colégio Santo Inácio. Contato: marfduarte@yahoo.com.br

1 . A Igreja Universal do Reino de Deus e o movimento neopentecostal no Brasil

A expressão *neopentecostalismo* é usada atualmente no meio acadêmico para designar uma nova corrente pentecostal, na qual se destaca a *Igreja Universal do Reino de Deus* (IURD), cujo recorte temporal corresponde ao período que vai do início da segunda metade dos anos 1970 até os anos 1980, quando ocorre sua consolidação.

O pentecostalismo chegou ao Brasil nas primeiras décadas do século XX, quase que simultaneamente a sua difusão em terras norte-americanas. Em meados do século, o movimento ganhou força, se consolidando de forma definitiva.

A *Congregação Cristã no Brasil*, considerada a primeira igreja pentecostal no Brasil, foi fundada em 1910 por um imigrante italiano chamado Luigi Francescon no bairro do Brás, em São Paulo.

Francescon, foi, inicialmente, acolhido como imigrante nos EUA pela Igreja Presbiteriana Italiana, onde se tornou o protagonista de uma cisão doutrinária. Isso ocorreu quando Filippo Grilli, então pastor da Igreja Presbiteriana Italiana, viajou para a Itália. Francescon, que liderou a reunião do domingo no dia 6 de setembro de 1903, aproveitou a oportunidade para questionar a forma correta do Batismo, dizendo que havia recebido uma revelação de Deus sobre o referido tema. Após o fim de seu discurso, convidou a Igreja para participar de seu próprio batismo por imersão. Das vinte e cinco pessoas que presenciaram o seu batismo, dezoito também foram batizadas. Após a chegada do Pastor Filippo Grilli, Francescon se desligou da igreja, sendo seguido por um grupo.

A *Assembleia de Deus* também foi fundada por missionários. D. Berg e G. Vingren eram imigrantes suecos e chegaram ao Brasil em 1911. Antes, no entanto, passaram pelos Estados Unidos e se estabeleceram em Chicago, onde tiveram contato com a pregação de C. F. Durham. Nessas reuniões, receberam o batismo com o Espírito Santo. Os dois suecos receberam, em 1910, uma profecia muito específica, orientando-os a irem para o Pará. Berg, em entrevista a programa de rádio da AD em Santa Catarina, relatou que:

Jesus me chamou quando estava em Chicago depois que Ele tinha me batizado com seu Santo Espírito, e foi para um lugar, chama-se São Bento. Irmão Vingren era Pastor de uma igreja Pentecostal

naquela cidade, e ali pela revelação do Espírito Santo de um irmão, chama-se Uldin, Jesus nos chamou e ele mencionou Pará naquela revelação e fomos para livraria e procuramos [no] mapa e encontramos [o] lugar Pará perto do rio do Amazonas, boca do rio do Amazonas. [entrevista oral].¹

D. Berg e G. Vingren, respectivamente evangelista e pastor, congregaram na Igreja Batista de Belém. Como pastor e missionário dessa igreja, Eurico Nelson, que também era sueco e implantava igrejas na região amazônica (ANTONIAZZI, 1994, p. 81), costumava se ausentar frequentemente, os dois recém-chegados receberam a incumbência de dirigir os cultos. Essa foi a brecha por meio da qual ocorreu uma cisão; os dois suecos e um grupo de dissidentes foram expulsos da igreja por promoverem a difusão de uma doutrina que contrariava as práticas e crenças batistas. (LIMA, 1989, p. 19-21).

A partir da última década do século XX, os trabalhos acadêmicos têm utilizado algumas metodologias com o objetivo de classificar os diversos movimentos protestantes no Brasil, particularmente, os de origem pentecostal.

Paul Freston elaborou uma tipologia relativa aos movimentos pentecostais que tem sido muito utilizada na área da Ciência da Religião trata-se da teoria das ondas. Segundo o autor, o movimento pentecostal chegou ao Brasil por meio de três ondas. A primeira ocorreu na década de 1910 e diz respeito às igrejas que foram fundadas por imigrantes (*Congregação Cristã do Brasil e Assembleia de Deus*); a segunda aconteceu entre as décadas de 1950 a 1970 com ênfase no esfacelamento do pentecostalismo cujo eixo foi o Estado de São Paulo (*Deus é Amor, Evangelho Quadrangular e Brasil para Cristo*); a terceira, por fim, teve início no final dos anos 1970, consolidando-se nos anos 1980, ocorreu no Rio de Janeiro e se refere às igrejas neopentecostais (*Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Internacional da graça de Deus*): (CAMPOS, 1996, p. 67-159).

Ricardo Mariano propõe outra maneira de classificar os movimentos pentecostais, muito embora também se aproprie da concepção de ondas, sendo estas pentecostalismo clássico, deutopentecostalismo e neopentecostalismo. (MARIANO, 1999, p. 23-49).

¹ Entrevista gravada no CD *Memória das Assembleias de Deus: entrevista com missionário Daniel Berg*, em 1958.

Inicialmente, o pentecostalismo clássico se difundiu no Brasil entre pessoas pobres e de baixa escolaridade, que foram negligenciadas tanto pelas igrejas protestantes históricas quanto pela Igreja Católica. A capacidade de trazer um conforto espiritual a camadas da sociedade menos favorecidas possibilitou o enraizamento do pentecostalismo junto aos setores urbanos mais carentes muito embora, nos dias atuais já se verifique uma camada significativa de fiéis das classes médias e, até mesmo, empresários (Idem, p. 29). Caracteriza-se pela ênfase no dom de línguas e pelo comportamento sectário e ascético. No pentecostalismo clássico, temos três igrejas fundadas por missionários estrangeiros: *Congregação Cristã do Brasil*, *Assembleia de Deus* e *Igreja do Evangelho Quadrangular*.

O deuteropentecostalismo, que teve início nos anos 1950 em São Paulo por meio da Cruzada Nacional de Evangelização, concentrou-se no evangelismo de massa, inclusive com a utilização do rádio e na cura divina. Essa nova forma de evangelismo itinerante e de grande impacto por ser realizado em ginásios, teatros e estádios de futebol produziu uma nova ruptura ensejando a fundação das *Igrejas Brasil para Cristo* (1955), *Deus é Amor* (1962) e *Casa da Bênção* (1964).

A ênfase no dom da cura divina produziu tanto o crescimento quanto a diversificação do movimento pentecostal. Sobre a questão teológica, não há diferenças significativas entre as duas primeiras ondas, apenas o destaque que se dá à atuação do Espírito Santo: na primeira, o dom de línguas; na segunda, o dom de cura. É possível dizer que a segunda onda constitui um desdobramento institucional tardio do pentecostalismo clássico norte-americano (Ibid, p. 30-31).

O neopentecostalismo tem suas raízes na *Igreja de Nova Vida*, fundada pelo missionário Mc Alister em 1960. Desta movimentação, surgiram o bispo Edir Macedo e o missionário R. R. Soares, fundadores, respectivamente, da *Igreja Universal do Reino de Deus* (1977) e da *Igreja Internacional do Reino de Deus* (1980), duas das principais Igrejas neopentecostais do país. (Ibid, p. 49-51).

As igrejas neopentecostais se caracterizam fundamentalmente pela guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito infernal e pela *Teologia da Prosperidade*, que se tornou a base sobre a qual são construídos todos os discursos e representações acerca do Diabo.

A ruptura entre pentecostalismo e neopentecostalismo vai além do mero recorte histórico-institucional. Caracteriza-se, principalmente,

pela construção de um novo *ethos* religioso, que é marcado pelos discursos arrojados de prosperidade ensejados pela ideia de contrato entre Deus e o fiel; pela relevância que o Diabo assume na liturgia do culto, sobretudo através de práticas de exorcismo, como protagonista de uma guerra santa; pela demonização de religiões/experiências afro-brasileiras; pelas lideranças aguerridas, que estão sempre propondo desafios aos fieis; pela utilização de práticas místicas, através da santificação de objetos que servem de canal espiritual entre o crente e as lideranças; e pela utilização de uma grande estrutura midiática.

2 . Origem e expansão da Igreja Universal do Reino de Deus

De todas as igrejas neopentecostais, a *Igreja Universal do Reino de Deus* (IURD) é a que mais se destacou no campo religioso brasileiro. Sua origem remonta às pregações feitas pelo pastor Edir Macedo em um coreto de uma praça do Méier. Macedo nasceu em Rio das Pedras, no Rio de Janeiro, em 1945. Era católico, mas frequentou centros espíritas tendo, inclusive, passado pela Umbanda; na adolescência, passou a frequentar as reuniões lideradas pelo pastor canadense Roberto McAlister onde se converteu:

Eu era uma pessoa triste, deprimida, angustiada. No fundo do poço busquei a Igreja Católica e só encontrei um Cristo Morto. Aquilo não satisfaz o meu coração e parti para o espiritismo, mas as ideias que ali encontrei já não se aglutinavam com as minhas. Então um dia tive esse encontro pessoal com Deus (...). Estava em uma reunião pública, de evangelistas, na sede da Associação Brasileira de imprensa no Rio. As pessoas cantavam e de repente desceu uma coisa sobre nossa cabeça, nosso corpo, como se estivéssemos sendo jogados debaixo de um chuveiro. Foi algo ao mesmo tempo físico e espiritual abstrato e concreto. Pude ver como se estivesse descendo ao inferno. Caí em prantos, então a mesma presença me apontou Jesus. Foi quando nos convertemos e nos entregamos de corpo e alma e espírito (MARIANO, 1999, p. 55).

Edir Macedo permaneceu na *Igreja de Nova Vida* até 1975, quando saiu contrariado dizendo não ter recebido apoio em sua prática missionária. Acompanhado de seu cunhado Romildo Ribeiro Soares e

de Roberto Augusto Lopes, fundou, no dia 9 de setembro de 1977, a *Igreja da Bênção*, que logo depois virou *Igreja Universal do Reino de Deus*. O templo ficava em uma antiga funerária no bairro da Abolição, no Rio de Janeiro. Em julho de 1980, na comemoração do terceiro ano da igreja, Edir Macedo foi consagrado bispo por Roberto Lopes, transformando a estrutura da igreja em episcopal. (MARIANO, 1999, p. 56).

Em pouco tempo o primeiro templo já não comportava o número de fiéis, sendo então necessária a mudança para um imóvel maior na mesma rua; ato contínuo, outras igrejas começaram a ser fundadas em outros lugares no Rio de Janeiro. O crescimento da IURD foi absolutamente extraordinário e a igreja começou a se ramificar por todos os estados brasileiros.

À medida que ia se consolidando no país, a IURD se projetava para o mundo. Sua primeira igreja fora do Brasil foi fundada em Mount Vermont, na cidade de Nova Iorque, em 1980. A *Universal Church*, como é conhecida nos Estados Unidos, logo se espalhou para outros bairros nova-iorquinos. A IURD, atualmente, dispõe em torno de 320 bispos, 14 mil pastores com milhares de templos espalhados pelo Brasil e em mais de 100 países.²

A expansão da IURD também se deve ao amplo recurso dos meios midiáticos, pois a igreja possui uma rede de rádios chamada de *Rede Aleluia* com diversas emissoras espalhadas pelo país, além de diversos programas em sua própria rede de TV aberta (Rede Record).

Uma das ações mais arrojadas e dignas de nota por parte da IURD foi as concentrações realizadas em espaços públicos que reuniram evangélicos de diversas denominações. A primeira concentração, em 1987, ocorreu no ginásio do Clube Olaria, localizado em um bairro do subúrbio do Rio de Janeiro. O sucesso foi instantâneo: outras concentrações ocorreram em espaços públicos ainda maiores, o que chamou a atenção da mídia para a IURD. Foi, por exemplo, o caso da concentração promovida na Enseada de Botafogo, em 2010. Esse evento provocou graves alterações no trânsito, interferindo diretamente no cotidiano do carioca, sendo parte do que a IURD chama de Dia “D” reuniões que ocorrem em todo território nacional com o objetivo de levarem as pessoas a uma reflexão sobre as mudanças que querem em suas vidas³.

2 Folha de São Paulo. Matéria publicada em 09/07/2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/07/1899617-igreja-universal-faz-40-anos-e-realiza-sonho-de-alcancar-classe-media-alta.shtml>. Acesso em: 13/03/2021.

3 Notícia publicada no Jornal O Globo no dia 21/04/2010. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/transito/culto-da-igreja-universal-em-botafogo-reune-1-milhao-de-pessoas-para-transito-no-rio-3020323>. Acesso em: 13/03/2021.

3 . As representações acerca do Diabo na Igreja Universal do Reino de Deus

As práticas e as *representações* acerca do Diabo na IURD se fundamentam no princípio da autoridade do Bispo Macedo em relação aos fiéis. Autor de diversas obras publicadas pela Editora da Universal, Macedo construiu uma teologia bastante peculiar e que tem sua maior expressão na centralidade do Diabo.

Em um dos seus principais livros, *O Diabo e seus anjos*, Macedo descreve o que seriam os aspectos físicos do Diabo:

Seus nomes eruditos são pouco conhecidos. As pessoas evitam usá-los, por isso deram-lhe diversos apelidos. É normalmente descrito como um ser chifrudo, rabudo (às vezes com a cauda em forma de seta), unhas grandes semelhantes a garras, olhos redondos, avermelhados, cascudo, barba de bode, pele tinada de hirsuta, asas semelhantes a de morcegos e pés de cabra. (MACEDO, 1995, p. 44)

É interessante observar que as representações acerca dos aspectos físicos do Diabo elaboradas pelo bispo Macedo foram apropriadas da iconografia medieval que, por sua vez, buscou inspiração na cultura clássica, em especial, na figura mitológica de Pã para constituir a forma física determinante do inimigo de Deus.

Sua principal obra, *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*⁴ tem como objetivo revelar a natureza dos espíritos descaídos, como eles agem e se apoderam das pessoas, os seus nomes mais recorrentes, características das possessões, a relação entre doença e ação diabólica e os principais passos para a libertação.

Como o próprio título sugere, os orixás são, na verdade, demônios disfarçados e que, por isso, precisam ser exorcizados dos corpos daqueles que tiveram contato com o espiritismo ou com religiões afro-brasileiras:

Na realidade, orixás, caboclos e guias tenham lá o nome mais bonito não são deuses. Os exus, os pretos-velhos, os espíritos de crianças, os caboclos ou os “santos” são espíritos malignos sem corpo, ansiando por achar um meio para se expressarem

4 O livro é até hoje como um dos mais vendidos da editora da IURD. São mais de quatro milhões de exemplares vendidos já estando na sua 15ª edição.

neste mundo, não podendo fazê-lo antes de possuírem um corpo. (MACEDO, 1997, p. 17).

Macedo coloca todas as religiões de matriz africana e o Espiritismo Kardecista no mesmo bojo. De acordo com a sua visão, todas estão a serviço de Satanás:

No candomblé oxum, iemanjá e ogum entre outros demônios, são verdadeiros deuses a quem o adepto oferece trabalhos de sangue para agradar, quando alguma coisa não está indo bem ou quando deseja receber algo especial. Na umbanda, os deuses são os orixás, considerados poderosos demais o para serem chamados a uma incorporação. Os adeptos preferem chamar os espíritos desencarnados ou espíritos menores, chamados caboclos, pretos velhos, crianças. Na quimbanda, os deuses são exus, adorados e servidos no intuito de alcançar alguma vantagem sobre um inimigo ou alguma coisa imoral, como conquistar a mulher ou marido de alguém ou obter favores por meios ilícitos etc. No Kardecismo e nas demais ramificações espíritas ou espiritualistas, os demônios se apresentam como espíritos evoluídos ou ainda em evolução, que precisam de doutrina. (Idem, p. 14-15).

Os demônios são anjos caídos e, por causa da rebeldia, foram banidos da presença de Deus: “tornaram-se espíritos revoltados; querem fazer o possível e o impossível para verem as outras criaturas de Deus perdidas e sem a imagem do seu criador. Eles (os demônios) não podem fazer nada contra Deus, mas podem tocar nas suas criaturas” (Ibid, p. 35).

O quarto capítulo do livro aborda, especificamente, as diversas formas de possessão. O Diabo é o usurpador do corpo do homem: “sempre, na história da humanidade, Satanás arranhou um jeitinho para conseguir entrar no corpo do homem e usá-lo como lhe convém” (MACEDO, 1997, p. 33). Os demônios podem se apoderar do corpo de alguém em diversas situações: por hereditariedade, pelo envolvimento de pessoas com o espiritismo, por trabalhos ou despachos, por alimentos oferecidos aos ídolos e pela rejeição a Cristo (Idem, p. 44-49).

A ênfase no envolvimento com o espiritismo e com as religiões afro-brasileiras é reveladora, pois justifica e legitima a contínua batalha espiritual que a IURD trava com essas religiões. É por meio

da demonização e da desqualificação dessas experiências religiosas, sobretudo do Candomblé, da Umbanda e do Espiritismo, que a IURD constrói a sua identidade teológica e ritualística:

A macumbaria existe e pega! O Diabo e seus anjos – os demônios – estão atuando exaustivamente para provocar a destruição dos filhos de Deus. Infelizmente, pessoas enganadas ou de má índole se colocam à disposição deles, associando-se para fazerem mal aos seus semelhantes. Sentimentos como a inveja, o egoísmo ou a vingança estimulam esse tipo de sociedade satânica. (CABRAL, 1998, p. 103-104).

As possessões poderiam ser identificadas? Existiriam sinais que poderiam revelar se determinada pessoa está possuída pelo demônio?

De acordo com o Estatuto e Regimento Interno da IURD, existem quatro formas de manifestação maligna⁵.

A primeira ocorre quando, em um culto de oração, os demônios se manifestam deixando a vítima totalmente inconsciente. Nesse caso, a possessão é total e a pessoa não responde por seus atos, pois não tem domínio de sua mente.

A segunda forma revela-se parcialmente, isto é, os demônios controlam o corpo da pessoa, que é jogada como se fosse um brinquedo, de um lado para o outro; no entanto, não dominam sua mente.

A penúltima maneira é a opressão. Nesse caso, os espíritos malignos atuam na vida da pessoa sem se manifestarem. Alguns sintomas são parecidos com aqueles que ocorrem em pessoas possessas.

A última forma seria a tentação considerada uma artimanha do Diabo e dos demônios para que a pessoa peque. Trata-se de uma obsessão mental, pois o indivíduo estaria inclinado e decidido a fazer algo errado.

Os sinais que podem revelar a possessão são bastante genéricos: desmaios, dores de cabeça, nervosismo, insônia, desejo de suicídio, visões de vultos e audição de vozes, dores e perturbações em geral (Macedo, 1997, p. 69-74).

A parte mais polêmica do livro trata da possibilidade da possessão em cristãos evangélicos. Macedo vai direto ao ponto: “Este capítulo 15 não existiria se eu não tivesse visto constantemente pessoas de várias

5 Estatuto e Regimento Interno da IURD. p. 55-57.

denominações evangélicas caírem endemoninhadas, como se fossem macumbeiras, ao receberem a oração da fé” (Idem, p. 115).

Quando Macedo se refere aos evangélicos possuídos, tal alusão diz respeito aos que não experimentaram a verdadeira conversão nem o batismo com o Espírito Santo. Daí a brecha espiritual por meio da qual os espíritos imundos se apoderam dessas pessoas (MACEDO, 1999, p. 62).

Dos casos de possessão relatados no livro (vinte casos de mulheres e seis de homens), há o de uma evangélica que chama atenção:

Conheci uma senhora membro de uma igreja evangélica por dezoito anos consecutivos. Entendia a Bíblia e era assídua, tinha testemunho exemplar e exercia cargos na igreja. Um dia, chegou em nossa igreja com a Bíblia na mão e o braço direito muito inchado; quando orei por aquela senhora, ela se entortou bastante e começou a falar palavras desconexas e fazendo gestos estranhos. (MACEDO, 1997, p. 116).

O cristão que experimentou o batismo com o Espírito Santo foi selado por Deus, e, por isso, não está suscetível à influência do Diabo:

As Escrituras Sagradas não têm base para fortalecer a opinião de que uma pessoa batizada no Espírito Santo venha a ficar endemoninhada. Quando uma pessoa tem a plenitude do Espírito Santo, passa a ser selada por Deus, e uma vez selada nenhum demônio poderá entrar. A Bíblia afirma que somos templo Espírito Santo e sendo assim, por certo o Espírito Santo não aceitará dividir Sua morada com nenhum espírito demoníaco. (MACEDO, 1997a, p. 98).

Quem estaria de fato selado pelo Espírito Santo a ponto de não ser dominado por forças malignas? Quando Macedo admite a possibilidade de evangélicos de outras denominações serem possuídos, parece querer dizer que somente a experiência de uma pessoa com Deus na IURD, isto é, sua real conversão a Cristo, pode garantir, sem nenhum risco, que a mesma se torne selada. Desta forma, a IURD não só se coloca acima das demais igrejas evangélicas, como também as aproxima das religiões afro-brasileiras, qualificando-as como espaços de atuação demoníaca.

Quais seriam, então, os passos necessários para não estar à mercê do poder maligno? Macedo afirma que o verdadeiro cristão deve, além de aceitar genuinamente Cristo como seu Salvador, participar das reuniões de libertação, ser batizado, buscar o batismo com o Espírito Santo, andar em santidade, ler a Bíblia diariamente, evitar as más companhias, frequentar as reuniões da Igreja, ser fiel nas ofertas e nos dízimos, vigiar e orar sem cessar (MACEDO, 1997, p. 131-138).

A conexão estabelecida entre a fé que o cristão deve ter em relação a Deus e a sua fidelidade quanto aos dízimos/ofertas, como um passo importante para a sua consagração espiritual e imunidade diante do Diabo, chama bastante atenção. Por certo, se o rito de exorcismo promove a passagem de um estado de precariedade material e espiritual, em que a criatura está longe de Deus e sujeita à ação diabólica, para um estado de abundância e prosperidade, portanto, de um verdadeiro paraíso terreal, nada mais natural do que associar a fidelidade ao dízimo como prova de amor e gratidão que se deve ter a Deus.

Há uma relação inequívoca e evidente entre as ações demoníacas, caracterizadas pelo engano e pela falsa esperança de cura e que provocaram uma enorme decepção no Bispo Macedo em sua passagem pelo espiritismo e pela Umbanda, com o discurso iurdiano estruturado na *Teologia da Prosperidade*:

Eu não acredito. Frequentei um centro espírita três vezes por semana quando era adolescente no Rio de Janeiro. Passei por inúmeras consultas com um médico espírita chamado Santos Neto, que mais tarde virou deputado federal. Ele fazia cirurgias espirituais para os mais variados tipos de doença. Na época, eu tinha verrugas espalhadas por todo o corpo. Eram uns caroços enormes, que me incomodavam bastante. Quando cheguei diante do tal médico, ele me perguntou qual era minha maior verruga. Depois que mostrei, disse que iria fazer desaparecer tudo em sete dias. Todo vestido de branco, fez o sinal da cruz sobre a verruga e repetiu algumas palavras de reza. Após uma semana, todas desapareceram de fato. Tempos depois, voltaram maiores e em maior quantidade. (TAVOLARO, 2007, p. 11).

Estabelece-se, a partir daí, um vínculo contratual entre o fiel e Deus. A IURD firma sua legitimidade mediante a construção de sua própria teodiceia marcada pela *Teologia da Prosperidade*, que, por sua vez, se concretiza pela operacionalização das representações acerca do Diabo.

4 . A Teologia da Prosperidade e as representações acerca do Diabo: uma conexão necessária.

A *Teologia da Prosperidade* na IURD foi uma construção teológica a partir da confluência de dois fatores: a doutrina da retribuição do Antigo Testamento e o aparecimento de movimentos religiosos norte-americanos, entre 1930 e 1940.

A primeira forma de retribuição, cuja lógica mecanicista foi construída a partir das relações de causa e efeito, tem sua genealogia nos primórdios da história do ser humano e na sua jornada de autoconhecimento, de sua compreensão do mundo e das angústias e incertezas em relação à morte e ao futuro.

A lógica da retribuição pode ser encontrada nas primeiras civilizações, do Oriente Próximo e Médio, quando os sábios se ocupavam em observar a natureza na tentativa de entender como funcionavam os fundamentos que compunham o universo.

Tal compreensão que se caracterizava, inicialmente, pelo esquema de causa e efeito, serviria para interpretar tanto o mundo e o ser humano, em suas ações e respectivas consequências, quanto as ingerências do divino na história humana (LINDEZ, 1999, p. 59). A sabedoria resultante dessa compreensão floresceu e se firmou como tradição erudita no Antigo Oriente e no Antigo Egito, a partir da visão de mundo do *ma'at* (direito, retidão, ordem). (DE VAUX, 2003, p. 198)

O *ma'at* pode ser considerado um conceito que produzia sentido, coesão e ordem tanto ao cosmo quanto à realidade do homem, uma vez que se materializava na ordem instituída pelo Faraó como lei. Desta forma, simbolizava o manancial da ordenação e equilíbrio nas relações entre os diversos elementos que configuram o mundo e a vida humana (NARDONI, 1994, p. 195-196). A entronização do Faraó era compreendida como restabelecimento do *ma'at*-isto é, da ordem sobre o caos.

Em certa medida, o princípio do *ma'at* foi reelaborado pela perspectiva teológico-religiosa israelita sendo, posteriormente, codificado como doutrina da retribuição em Deuteronômio:

Em Israel, o *ma'at* foi substituído pela presença e ação direta de Deus, Senhor da criação, ou, simplesmente pela sabedoria que a tudo invade e penetra (cf. Sr 1.9; Sb 1.7). Por isso, o homem pode descobrir através de sua atividade sapiencial essa presença ativa de Deus no mundo (cf. Sb 13.1-9), mesmo reconhecendo o mistério que a oculta e as fronteiras ou limites da sabedoria. (LINDEZ, 1999, p. 62).

Em Salmos 19:1, a glória de Deus é anunciada por meio da sua criação: “os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos”. A ordem (*ma'at*), revelada por meio da sua criação, torna-se referência para o ordenamento moral do próprio ser humano. O desprezo a esse ordenamento, por meio da desobediência, a vida do homem insuportável, tal como relatado no Livro de Gênesis, capítulo 3.

Há outras similaridades entre os textos religiosos da Antiga Mesopotâmia e os textos bíblicos que tratam do sofrimento humano sob o ponto de vista da retribuição. Pode-se dizer que a doutrina da retribuição em Israel é tributária de civilizações antigas circunvizinhas: (PRITCHARD, 1974, p. 412-414).

É o caso do poema do justo doente que relata o questionamento de um devoto do Deus Marduc quanto às adversidades que um fiel pode ter na vida (LINDEZ, 1999, p. 23). O texto tem por base um determinismo divino em relação ao destino, uma vez que o ser humano está sujeito à vontade dos deuses. Tal como ocorre no relato do Livro de Jó, finalmente, seu Deus o cura, ao ensejar um ato de ação de graças (CORDERO, 1977, p. 625).

Outro escrito babilônico que se assemelha ao Livro de Jó seria o diálogo do justo sofredor com seu amigo. A narrativa levanta certas questões que são sempre inquietantes: por que sofre o desvalido, embora seja piedoso e fiel?; Por que o seu Deus não o protege? As respostas obtidas no diálogo são orientadas pela regra da causa e efeito: o sofrimento só acontece na vida de quem merece, em razão de algum delito oculto cometido. O justo sofredor confessa, então, sua

desgraça e se encomenda piedosamente aos deuses e ao rei: “que me ajude o deus que me abandonou; Que se mostre compassiva a deusa [que de mim se esqueceu]; O pastor, o sol do povo, que pastoreia (seu rebanho) como se fosse um deus” (PRITCHARD, 1974, 604).

A história de Israel foi atravessada pela ação divina o que acabou conferindo um vulto maior em sua literatura, pois “embora tenha assimilado toda espécie de influxos oriundos de culturas vizinhas, jamais perdeu seus traços essenciais” (LINDEZ, 1999, p. 18). Depreende-se daí que o *ethos* religioso israelita foi uma construção que se deu tanto por meio da influência de outros povos, quanto por sua própria originalidade textual marcada pela revelação divina.

É por meio dessa revelação divina que surgem os livros sapienciais no Antigo Testamento sendo, portanto, o resultado direto da relação entre um povo escolhido e o seu Deus. A literatura sapiencial israelita formal provavelmente se constituiu no período monárquico:

Logo que Salomão reestruturou o Estado de Israel pelo modelo dos reinos do Oriente Antigo, o interesse pela sabedoria se manifestou também em Israel. Causa disso teriam sido não só a imitação e a aceitação de uma cultura estrangeira e superior, mas também a necessidade de formar um corpo de escribas e, principalmente, a influência pessoal do “sábio” Salomão. (Idem, p. 368-369).

Pesquisas revelam que alguns dos primeiros Salmos são provenientes dos “círculos dos escribas ligados ao Templo de Salomão” (CERESKO, 1996, p. 289). Antes da chegada dos hebreus a Canaã já havia um grupo separado de escribas na cidade de Debir, conforme consta nas Cartas de Amarna⁶, cujo significado é *cidade do livro* ou *cidade dos escribas* (ZIENER, 2004, p. 368).

Os reis de Israel teriam acolhido o tipo de administração já existente em Canaã, “importando também escribas egípcios para preencher os quadros administrativos da corte, ou treinar candidatos nativos” (CERESKO, 1996, p. 289). A corte real cultivava a sabedoria conforme consta no Livro de Samuel 16: 20, em que se lê: “então, disse Absalão a Aitofel: dai o vosso conselho sobre o que devemos fazer”.

⁶ Cartas do séc. XV a.C. enviadas ao Faraó pelos reis e príncipes de cidades da Ásia Menor.

Os reis precisavam estar cercados de conselheiros sábios, sendo a corte um ambiente propício ao cultivo da sabedoria formal em Israel. Pode-se dizer que “a sabedoria chegou a ser reconhecida como importante componente da religião e da cultura de Israel, ao lado da profecia e da Torá sacerdotal”. A literatura sapiencial israelita do exílio e do pós-exílio não morreu, como se pode perceber nos Livros de Jó e Provérbios (idem, p. 290).

A teologia deuteronômica proporcionou ao ser humano a oportunidade de ordenar sua vida de acordo com os mandamentos de Deus, que eram apresentados em forma de Leis e não mais através da pura e simples observação da ordem da criação. Obedecer aos mandamentos era condição fundamental para se alcançar a sabedoria. Nesse novo tempo: “o temor do Senhor é o princípio do saber (...)” (Provérbios 1: 7).

A utilização da regra de causa e efeito condicionou a relação do humano com o sagrado a um mecanicismo inalterável e inflexível a tal ponto de inviabilizar qualquer outra forma de relacionamento. A sabedoria antiga foi assimilada e teologizada em Israel sob o respaldo da fé em Deus em um movimento crescente, cujos principais indícios são encontrados no livro de Provérbios.

A teologização da doutrina da retribuição, caracterizada pela regra da causa e efeito, ficou tão entranhada no imaginário religioso do povo israelita que qualquer catástrofe nacional era vista como resultado de uma culpa, não raro, coletiva. A solução era sempre viabilizada por meio de celebrações solenes de arrependimento de confissão pública do pecado (RAD, 1985, p. 248).

No entanto, há, no Antigo Testamento, certa suspeita e relativização quanto à irrefutabilidade da doutrina da retribuição, tanto em Provérbios quanto no Livro de Jó, que foi concebido no período pós-exílio, entre os séculos V e III a.C.

Em Provérbios, apesar do destaque dado à regra da causa e efeito que vincula pecado ao sofrimento, a doutrina da retribuição, no que se refere à questão da pobreza, é refutada. Isso porque, mesmo sendo considerada fonte de sofrimento, não significa, necessariamente, desamparo divino. Ao contrário, os desvalidos são alvo da atenção de Deus:

Provérbios 14: 31.

“O que oprime o pobre insulta àquele que o criou, mas o que se compadece do necessitado o honra.”

Provérbios 19: 17.

“Ao Senhor empresta o que se compadece do pobre, ele lhe pagará o seu benefício.”

Provérbios 22: 22-23.

“Não roubes ao pobre, porque é pobre, nem oprimas em juízo ao aflito, porque o Senhor defenderá a causa deles e tirará a vida aos que os despojam.”

Como se pode perceber, a doutrina da retribuição não era infalível, muito embora a liderança da IURD não considere esse fato, uma vez que a vontade soberana de Deus não poderia se submeter às regras de causa e efeito, isto é, às previsões e ao controle dos homens (ZIENER, 2004, p. 376). O sábio possuía a plena consciência de não poder sondar completamente a ordem inerente ao mundo, pois, se era certo supor que a razão exigisse uma lógica de que o diligente se tornasse rico ou pobre, também não era lícito concluir que a pobreza, necessariamente, derivava da preguiça.

Desta forma, *A Teologia da Prosperidade iurdiana* encontra, no Antigo Testamento, a base de apoio para o discurso incessante por parte de suas lideranças de que a miséria, a doença e toda a sorte de males se originam da desobediência do homem em relação a Deus. No entanto, a boa nova está no fato de que o homem pode reverter esse cenário, desde que se disponha a restabelecer sua conexão com o sagrado, por meio da obediência irrestrita aos mandamentos de Deus.

Tal teologia enfatiza tanto a obediência à lei de Deus quanto às orientações de seus líderes sobretudo no que se refere à fidelidade na entrega dos dízimos. Não somente pessoas mais humildes como também empresários se animam ao escutarem que Deus tem poder para livrá-los das dívidas, arrumar um bom emprego, sanar as contas de empresas que estão no vermelho. Basta que orem, tenham compromisso com a Igreja, entreguem seus dízimos e ofertas, tornando-se, portanto, patrocinadores e associados, uma vez que o sofrimento e a dor são para pessoas descrentes, pois os que confiam no Senhor alcançarão suas bênçãos.

Outro fator ligado à construção da *Teologia da Prosperidade* é bem mais recente e, possivelmente, mais decisivo. Sua gênese está

ligada a algumas seitas sincréticas que influenciaram determinados grupos de cristãos norte-americanos na primeira metade do século XX. Tais doutrinas encontraram ampla aceitação nos antigos movimentos de cura divina (GONDIM, 2001, p. 15) que antecederam o próprio movimento pentecostal produzindo, assim, uma estranha combinação do poder da mente com a fé, isto é, uma mentalização da fé.

Trata-se de uma tentativa de ajustar um novo conceito de fé ao pentecostalismo tradicional. Segundo Gondim: “o Movimento de Cura permanecia nos moldes dos avivalistas até que surgiu no cenário evangelístico o norte-americano, Kenneth Hagin” (Idem, p. 21).

Em terras estadunidense, nas décadas de 1930 e 1940, surgiu a ideia de que o cristão poderia adquirir tudo o quisesse desde que tivesse fé suficiente para isso. O precursor dessa boa nova foi o pastor norte-americano Essek William Kenyon (1867-1948) que, com passagem em igrejas protestantes tradicionais e pentecostais, sofreu influência de seitas como Ciência da Mente, Escola da Unidade do Cristianismo, Sociedade do Cristo que Cura, Igreja da Ciência Religiosa, Ciência Cristã e a Metafísica do Novo Pensamento.

Segundo Kenyon, bastava negar a enfermidade e o sofrimento, por meio de uma mentalização da fé, para que elas desaparecessem. O pastor alimentava uma empatia por Mary Baker Eddy, fundadora do movimento gnóstico Ciência Cristã. Eddy estava convencida de que as doenças não existiam a não ser que a pessoa acreditasse nelas (Idem, p. 44).

O pastor texano batista Kenneth Hagin (1917-2003) foi o responsável por disseminar os ensinamentos de seu mestre, Kenyon, através da divulgação de livros, seminários e fitas cassetes afirmando que era possível repetir com fé qualquer promessa bíblica ministrando-a segundo a necessidade de cada indivíduo e exigindo de Deus o cumprimento de suas promessas.

Hagin foi também pastor de igrejas cristãs protestantes e pentecostais. Desta forma, depois de passar por muitas comunidades e denominações, finalmente, “[...] em 1974, ele e seu filho Ken Jr. fundaram, em Oklahoma, o *Rhema Bible Training Center*, centro de formação de discípulos e de novas lideranças dessa corrente” (MARIANO, 1999, p. 151).

Kenyon e, principalmente, Hagin contribuíram decisivamente para a consolidação da fé baseada tanto na Confissão Positiva quanto

na Confissão Negativa. Ambas se constituem no fermento para um novo tipo de pensamento: a fusão do poder da mente e a fé, que começou a levedar a massa dando-lhe a densidade necessária para a consolidação da *Teologia da Prosperidade*.

A base teológica defendida por Hagin pode ser compreendida a partir dos conceitos de confissões positiva e negativa que, respectivamente, baseiam-se na ideia de que se o indivíduo tiver fé e não duvidar, terá tudo o que desejar de Deus; da mesma forma, caso não deseje que algo ruim aconteça em sua vida, basta negar a sua existência.

Em ambos os casos, Deus é impelido a atender tais desejos, pois está preso ao cumprimento de sua palavra. Segundo esse entendimento, o Senhor tem a obrigação de cumprir suas promessas, bastando que o homem a reivindique e tome posse das promessas divinas pela fé. Essas confissões funcionam como uma fórmula pronta para o exercício da fé.

Segundo Hagin, caso alguém queira ser um abençoado, basta segui-la:

1) “Diga a coisa” positiva ou negativa, tudo depende do indivíduo. De acordo com o que o indivíduo quiser, ele receberá. Essa é a essência da confissão positiva; 2) “Faça a coisa”. Seus atos derrotam-no ou lhe dão vitória. De acordo com sua ação, você será impedido ou receberá; 3) “Receba a coisa”. Compete a nós a conexão com o dínamo do céu. A fé é o pino da tomada. Basta conectá-lo. 4) “Conte a coisa” a fim de que outros também possam crer. Para fazer a confissão positiva, o cristão deve usar as expressões: exijo, decreto, declaro, determino, reivindico, em lugar de dizer: peço, rogo, suplico; jamais dizer: “se for da tua vontade”, pois isto destrói a fé. (HAGIN, 2002, p. 78-94).

Determinados verbos de comando são fundamentais para o exercício pleno da fé: *exigir, declarar, determinar, reivindicar*. Nessas circunstâncias, não há espaço para timidez, nem mesmo para covardia. A oração ganha, segundo essa doutrina, uma força assombrosa a ponto de colocar Deus contra a parede. Não há espaço para a soberania de Deus, pois não é levado em conta a sua vontade.

Desde a infância, a vida do Bispo Macedo foi marcada pelo sofrimento e pela baixa autoestima. Em sua única biografia autorizada

(TAVOLARO, 2007), consta que Macedo nasceu com um problema congênito (uma deformidade na mão), estigma que desde cedo foi internalizado: “Eu era o patinho feio. Eu tinha a sensação de tudo que eu fazia daria errado: uma pipa rasgada, balões que pegam fogo. Às vezes eu me sentia como um transtorno” (Idem, p. 59). A sua primeira filha nasceu com uma fissura labiopalatal, provavelmente, uma herança de sua genética:

[...] levei um tremendo susto. A menina era um horror. Eu disse para mim mesmo: ‘Meu Deus, eu não quero esse monstrinho!’ Sua fisionomia era terrível. Eu imaginava o sofrimento que seria o crescimento daquela criança. Eu sabia o que era ser defeituoso. Imagina ela, então, menina, certamente vaidosa... Não, não queria. Preferia sua morte (Idem, p. 96).

Tal experiência foi devastador, no entanto, impulsionou-o a uma mudança radical de vida que veio a se tornar o marco inaugural da IURD:

Eu e Ester choramos muito. Foi doloroso. Em meio ao choro, manifestei minha revolta e decepção. Ajoelhei na cama para orar e, num acesso de raiva, soquei a cama várias vezes. Determinei que, a partir daquele momento, eu iria deixar minha igreja [naquela época, a Nova Vida] e ajudar as pessoas sofridas como eu (Idem, p. 97).

Macedo transformou essa adversidade em experiência de fé, cuja mensagem seria dirigida para todas as pessoas que, como ele, foram excluídas das bênçãos divinas. Em sua nova igreja, não haveria mais lugar para pessoas que aceitassem as mazelas da vida como sendo naturais. Homens e mulheres deveriam desafiar o Todopoderoso, exigindo-lhe que cumprisse suas promessas de prosperidade, determinando que Deus lhes desse um destino alternativo. As confissões positiva e negativa ganhariam forma e rápido destaque na *Teologia da Prosperidade* iurdiana.

Um dos lemas mais importantes da IURD é *Pare de sofrer*. Deus não criou o homem para o sofrimento e sim para a abundância de vida. No jargão iurdiano, o fiel deve almejar insistentemente uma

fé ativa, isto é, deve estar sempre inclinado a exercitar sua fé por meio de uma relação de reciprocidade com o sagrado:

Você vai aprender quem você é a partir do momento que você é levado ao sacrifício. Você vai se conhecer, ou conhecer as suas forças, se você for levado ao sacrifício. Só vai conhecer a si próprio, a sua fé, seu relacionamento com Deus, quando você for levado a uma situação que vai requerer de você a expressão daquilo que está dentro de você [...] justamente naquele momento de profunda angústia e aflição, você vai manifestar seu verdadeiro caráter, a sua verdadeira fé. (GOMES, 2011, p. 105).

Por ocasião da data comemorativa de 25 anos de fundação da IURD, o bispo Macedo fez uma oração: “Espírito Santo, eu te peço. Eu suplico. Plante no coração de cada uma dessas pessoas a semente da revolta. A revolta. A ira. Espírito põe a revolta dentro destes corações para não aceitar essa situação desgraçada, decadente, mesquinha, em que ele (a) está vivendo.” (Idem, p. 101).

Há uma enorme contradição nessa perspectiva teológica quanto à ação do Espírito Santo que, de acordo com o livro de Gálatas 5: 22-23, produz frutos de “amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio”. A doutrina das confissões positiva e negativa procura instrumentalizar o homem com determinadas chaves de acesso ao sagrado, produzindo uma verdadeira inversão de papéis.

Percebe-se a irrefutável influência exercida tanto pelo bispo Macedo quanto pelas lideranças iurdianas sobre os fiéis. É por meio de uma dimensão simbólica que sua legitimidade é construída. Um dos elementos mais importantes da *Teologia da Prosperidade* é a pregação da palavra de Deus através de seus porta-vozes. Os discursos dessas lideranças ganham peso de sacralidade, e, por isso mesmo, são irresistíveis.

Hagin, por sua vez, considerava-se diferente dos demais pelo fato de ser um profeta ungido por Deus. Afirmava que recebia, diretamente de Deus, as revelações, reconhecendo “que se trata da uma unção diferente (...) é a mesma unção, multiplicada cerca de cem vezes.” (HAGIN, 1987, p. 9).

As palavras dessas lideranças adquirem, desta forma, peso de verdade absoluta. A congregação de fiéis se sente impelida a segui-las sem contestá-las, pois tal atitude seria vista como falta de fé em Deus. Esses profetas contemporâneos são autorizados por Deus, por meio de suas orações, a profetizarem sobre a vida de cada pessoa presente no auditório.

Essa forma de orar profetizando está intrinsecamente relacionada ao conceito de confissão positiva, uma vez que o pregador tem a missão de conduzir o fiel a um desafio diante de Deus. Em uma mensagem disponível em vídeo no canal da TV Universal, o bispo Macedo explica o significado de profetizar:

Na linguagem da fé, na linguagem da fé bíblica, profetizar significa abençoar. Determinar a benção de Deus para as pessoas que creem no Deus de Abraão, de Isaque e de Israel. Você crê nisso? Você quer isso? Então nós vamos determinar a benção na sua vida, na sua casa, na sua família, nos seus negócios. No dia 11 de maio, domingo, segundo domingo de maio, nós estaremos em todas as igrejas da Universal, de todo o planeta, determinando esse dia para que o povo seja abençoado, e venha a acontecer um cancelamento das maldições que esse povo vem sofrendo. Se você é uma dessas pessoas, se você é uma daquelas criaturas que carrega consigo a maldição, que carrega a maldição de uma família destruída, que carrega a maldição de um amor não correspondido, que carrega a maldição de não poder se casar (...). Há pessoas que tentaram seis casamentos, até sete casamentos e não deu certo. Por que? Porque há uma maldição.⁷

Profetizar, no jargão neopentecostal iurdiano, adquire outro sentido, bem diferente do original. Significa determinar uma benção que necessariamente vai acontecer na vida de quem tem fé porque está sendo ministrada pelos profetas de Deus. Nota-se a posição de superioridade dos líderes em relação às maldições, pois, por meio de suas intercessões, elas são canceladas.

A palavra dos profetas hodiernos da IURD se configura como argumento de autoridade que “sobrepõe todos os obstáculos que a razão poderia lhe opor” (PARELMAN, 1996, p. 351) e está diretamente

⁷ O que significa profetizar? – Bispo Macedo. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/TvUniversalorg/search?query=O+que+significa+profetizar%3F>. Acesso em: 14/03/2021.

relacionado ao prestígio da liderança em relação aos seus liderados. “Esta forma de argumento utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese” (Idem, p. 347-348).

É por meio das confissões positiva e negativa que se estabelece a conexão entre o humano e o sagrado. Deus se vê na obrigação de cumprir suas promessas ao passo que os fiéis assumem uma atitude de fé ao exigir as bênçãos, sendo ensinados e estimulados a agir dessa maneira devido à força da palavra ministrada pelas lideranças.

No caso específico do discurso iurdiano, alicerçado na *Teologia da Prosperidade*, há uma clara intenção de demonizar as religiões afro-brasileiras e o Espiritismo. A guerra contra o Diabo é sempre a guerra contra o outro.

Levando-se em consideração o fato do movimento neopentecostal ter surgido por último no cenário religioso brasileiro (década de 1970), não é de se estranhar que precisasse firmar posição diante de outras igrejas evangélicas, tradicionais e pentecostais.

Qualquer manifestação religiosa mais recente tende a buscar o seu lugar no campo religioso a partir de uma postura de afirmação de sua própria legitimidade. Essa demarcação de posição, não raro, concretiza-se a partir do movimento de deslocamento das outras experiências religiosas para o universo da magia ou da feitiçaria. A IURD constrói sua afirmação espiritual-institucional seguindo essa tendência:

Uma vez que a religião, e em geral todo sistema simbólico está predisposta a cumprir uma função de associação e de dissociação, ou melhor, de distinção, um sistema de práticas e crenças está fadado a surgir como magia ou como feitiçaria, no sentido de religião inferior, todas as vezes que ocupar uma posição dominada na estrutura de relações de força simbólica, ou seja, no sistema das relações entre o sistema de práticas e de crenças próprias a uma formação social determinada. Desta maneira, costuma-se designar em geral como magia tanto uma religião inferior e antiga, logo primitiva, quanto uma religião inferior e contemporânea, logo profana (aqui equivalente a vulgar) e profanadora. Assim a aparição de uma ideologia religiosa tem por feito relegar os antigos mitos ao estado de magia ou de feitiçaria. (BOURDIEU, 1998, p. 43-44).

A desconstrução da legitimidade das expressões religiosas afro-brasileiras e do Espiritismo ocorre por meio da demonização de suas práticas e ritos religiosos, reforçando seu caráter mágico, utilizando-se, para isso, da figura do Diabo que adquire uma excepcional funcionalidade na construção identitária da comunidade religiosa iurdiana.

Macedo considera todos os orixás, pretos velhos e erês como demônios e a IURD como instrumento de Deus, munida *das armas espirituais necessárias* para combatê-los. *Nas sessões de descarrego*, é comum ver pessoas possuídas pelos demônios caindo de joelho e rolando no chão sob o comando dos pastores e bispos (MACEDO, 1997, p. 128).

A IURD trabalha por meio de campanhas e correntes, que são reuniões específicas para a solução de determinado problema. Uma das mais famosas é a corrente de Libertação destinada a pessoas que estão sofrendo a ação direta do Diabo em suas vidas. Os sintomas da ação das forças demoníacas são: desejo de suicídio, contato anterior com alguma entidade, ouvir vozes, medo, insônia e dores de cabeça persistentes (MACEDO, 1997, p. 73-80).

É razoável pensar que as pessoas com tais sintomas possam sofrer de transtornos psicológicos ou psiquiátricos e, por estarem em situação de fragilidade, tornam-se mais suscetíveis e mais facilmente sugestionáveis em tais reuniões isto é, mais predispostas a manipulações psicológicas e experiências catárticas (CAMPOS, 1997, p. 349).

A guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito infernal ganha dimensão maior à medida que são vistos como os portadores de todas as mazelas sofridas pelo homem. Uma das principais funções desempenhadas pela IURD e que motivou, principalmente, o arregimento significativo de fiéis foi a sua configuração como espaço sagrado de cura.

O sofrimento do homem, segundo o Bispo Macedo, não se caracteriza como um desejo de Deus, sendo, desta forma, obra do Diabo. O ser humano é, por natureza, perfeito e feliz. As dores, enfermidades e a morte foram decorrentes da transgressão cometida por Adão e Eva. No entanto, a redenção foi alcançada por meio do sacrifício de Jesus. A IURD se propõe a libertar qualquer homem ou

mulher que esteja padecendo os males da vida a fim de que consigam encontrar consolo e conforto.

O culto iurdiano, em especial a corrente de Libertação, possui uma função terapêutica inequívoca, com objetivo de produzir um novo significado para a vida e um alívio para o sofrimento. Em certo sentido, aproxima-se da psicanálise porém a partir de outra perspectiva, pois, enquanto que a terapia psicanalítica tem como objetivo quebrar as traduções patológicas do indivíduo, por um caminho semelhante ao luto, para que por si mesmo possa reconstruir seu próprio texto, isto é, sua vida, na religião, o texto já está dado através da Bíblia (BELO, 2004, p. 121).

A possibilidade do fiel em reescrever sua vida se dá por meio do encontro com Deus, cuja ação está no sentido de reinstaurar a situação originária antes do pecado. Para que isso aconteça, Deus precisa se mostrar por enigmas instando o fiel a traduzi-los (LAPLANCHE, 2003, p. 403-418). Os bispos e pastores, nesse contexto, enquadram-se como tradutores da mensagem divina propiciando elementos a serem escritos na história do fiel.

A tradução desses enigmas divinos ao homem, que estão na Bíblia, mas somente acessíveis através da interpretação feita pelos profetas de Deus da IURD, ocorre mediante a consolidação da *Teologia da Prosperidade*, a partir da qual o fiel assume uma postura de enfrentamento em relação a Deus. Tal postura se configura por uma exigência de tomar posse das bênçãos (confissões positiva/negativa); isto é, da cura para as mais diversas formas de sofrimento físico, mental, espiritual e econômico. Por meio da autoridade das palavras do pastor ou do bispo, da obediência do fiel e da expulsão do Diabo, responsável pelo mal, o milagre acontece.

Referência

ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis. RJ: Vozes, 1994.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CABRAL, J. *Entre o vale e o monte*. Rio de Janeiro: Universal, 1998.

CAMPOS, L. C. *Na força do espírito: os pentecostais na América Latina, um*

desafio às igrejas históricas. São Paulo: Pendão Real, 1996.

_____. *Teatro, Templo e Mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes, 1997.*

CERESKO, A. R. *Introdução ao Antigo Testamento: Numa perspectiva libertadora. São Paulo: Paulus, 1996.*

CORDERO, M. G. *La Biblia y el legado Del Antigo Testament – El entorno cultural de la história de salvación. Madrid: BAC, 1977.*

DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento. São Paulo: Teológica, 2003.*

GOMES, E. *A Era das Catedrais: a autenticidade em exibição. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.*

GONDIM, R. *O evangelho da nova era. 6ª ed. São Paulo: Abba, 2001.*

HAGIN, Kenneth. *O extraordinário crescimento da fé. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2002.*

LAPLANCHE, J. *Três acepções da palavra inconsciente à luz da sedução generalizada. Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, 10(3). 2003.*

LIMA, D. S. *O Pentecoste e o dom de línguas. Rio de Janeiro: JUERP, 1989.*

LINDEZ, J. V. *Sabedoria e sábios em Israel. São Paulo: Loyola, 1999.*

MACEDO, E. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios? Rio de Janeiro: Universal, 1997.*

_____. *O Diabo e seus anjos. Rio de Janeiro: Universal, 1995.*

MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo brasileiro. São Paulo: Loyola, 1999.*

NARDONI, E. *La justicia en el Egipto Antiguo. Revista Bíblica, 56, Nueva Época 53, 1994.*

PARELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.*

PRITCHARD, J. B. *Ancient near eastern texts: relating to the Old testament. Princeton: Princeton University Press, 1974.*

RAD G. V. *Sabedoria em Israel: Provérbios, Jó, Eclesiastes, Eclesiástico. Madrid: Critiandad, 1985.*

TAVOLARO, D. *O Bispo: A história revelada de Edir Macedo*. São Paulo: Larousse, 2007.

ZIENER, G. *A sabedoria do Oriente Antigo como ciência da vida. Nova compreensão e crítica de Israel à sabedoria in: SCHREINER, J. (Org.). Palavra e mensagem do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2004.

Artigo recebido em 15/03/2021 e aprovado para publicação em 30/03/2021

Como citar:

DUARTE, Marcello Felipe. A Teologia da Prosperidade na Igreja Universal do Reino de Deus. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, p. 257-282, jan./jun. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v21i41-2022-12> Disponível em: www.revistacoletanea.com.br